

A Gestão Financeira Como Fator De Sobrevivência E Crescimento Em Microempresas E Empresas De Pequeno Porte Brasileiras

Author

Resumo

A gestão financeira é um dos pilares centrais para a sobrevivência e o crescimento das microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP), especialmente em um cenário econômico volátil e de alta competitividade. No Brasil, esses empreendimentos representam a maioria do tecido empresarial, mas enfrentam sérias dificuldades na administração de capital de giro, controle de custos e planejamento de fluxo de caixa. O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da gestão financeira profissionalizada para a sustentabilidade desses negócios. Por meio de uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise de dados secundários provenientes do SEBRAE, IBGE e literatura acadêmica, buscou-se compreender os fatores que impactam a tomada de decisão financeira nas MEs e EPPs. Autores como Gitman, Assaf Neto, Brigham, Oliveira, Santos e Rafael Desconsi (2024) são mobilizados para embasar a discussão. Os resultados apontam que a ausência de controle financeiro adequado é uma das principais causas de mortalidade empresarial precoce, enquanto práticas simples e acessíveis de gestão financeira contribuem significativamente para o desempenho e longevidade das pequenas empresas. Conclui-se que a difusão de conhecimento técnico e o acesso a ferramentas financeiras básicas são medidas estratégicas para fortalecer esse segmento essencial da economia nacional.

Palavras-chave: gestão financeira; microempresa; empresa de pequeno porte; capital de giro; fluxo de caixa.

Date of Submission: 05-05-2025

Date of Acceptance: 15-05-2025

I. Introdução

As microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP) são a base da economia brasileira, representando 99% dos negócios formais do país e sendo responsáveis por mais de 50% dos empregos com carteira assinada, segundo o SEBRAE (2023). No entanto, sua taxa de sobrevivência ainda é baixa, com muitos empreendimentos encerrando as atividades nos primeiros cinco anos.

De acordo com o IBGE (2022), entre os principais fatores responsáveis por essa alta mortalidade empresarial estão a má administração e a ausência de planejamento financeiro. O despreparo técnico dos gestores para lidar com o controle de caixa, o equilíbrio entre receitas e despesas e a gestão de dívidas agrava esse cenário.

A gestão financeira é o conjunto de práticas voltadas ao uso racional dos recursos financeiros da empresa, incluindo atividades de controle, análise, planejamento e tomada de decisão (Gitman, 2010). Quando bem aplicada, permite que o empreendedor tome decisões embasadas, reduza riscos e antecipe cenários críticos.

Assaf Neto (2016) destaca que a gestão financeira eficaz é essencial mesmo em ambientes empresariais de pequena escala, onde a movimentação financeira é intensa, ainda que com valores reduzidos. Ignorar práticas básicas como análise de fluxo de caixa e controle de estoque pode comprometer seriamente a continuidade do negócio.

Segundo Brigham e Ehrhardt (2018), o planejamento financeiro possibilita ao gestor estimar necessidades futuras de capital, facilitando decisões como investimentos, contratações e prazos de pagamento. Essa previsibilidade é essencial para empresas com pouca margem de erro.

Oliveira (2021) argumenta que a profissionalização da administração financeira em MEs e EPPs é um diferencial competitivo. Com acesso limitado a consultorias especializadas, muitas dessas empresas dependem do conhecimento empírico do proprietário, o que nem sempre garante eficácia.

Além disso, Padoveze (2019) ressalta que a contabilidade gerencial, quando integrada à rotina financeira, fornece indicadores úteis para o controle de desempenho, identificação de gargalos e apoio à tomada de decisão, especialmente em ambientes de escassez de recursos.

Lazzari (2021) contribui com a discussão ao afirmar que o domínio das ferramentas financeiras básicas, como o capital de giro líquido e a margem de contribuição, é determinante para o sucesso das empresas de pequeno porte. A autora destaca que a ausência desses conhecimentos, somada à informalidade nas práticas de gestão, compromete seriamente a viabilidade do negócio.

Desconsi (2024), ao analisar o comportamento de microempresários em ambientes adversos, identificou que a presença de um controle financeiro elementar — ainda que informal — esteve diretamente associada à

maior adaptabilidade e resiliência dessas empresas. O autor destaca que, quando a gestão financeira se conecta com o contexto real da empresa, mesmo com ferramentas simples, há ganhos significativos de performance.

Segundo Dornelas (2020), a cultura do improvisado ainda predomina em boa parte das microempresas brasileiras. A ausência de processos sistematizados e a resistência à adoção de ferramentas simples de controle impedem o crescimento sustentável dessas organizações.

Kotler e Keller (2012) destacam que, mesmo em empresas de pequeno porte, o alinhamento entre estratégia, marketing e finanças é necessário. A ausência desse alinhamento, além de prejudicar o desempenho, gera desperdícios e limita a competitividade.

Santos e Costa (2022) afirmam que a capacitação dos gestores em finanças deve ser prioridade nas políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo. Muitos empreendedores não possuem formação na área e acabam por cometer erros recorrentes que poderiam ser evitados com noções básicas de gestão financeira.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar a gestão financeira como fator de sobrevivência e crescimento em microempresas e empresas de pequeno porte no Brasil. A metodologia utilizada é qualitativa, com base em revisão de literatura e análise documental, estruturando a discussão a partir de três eixos teóricos principais.

II. Referencial Teórico

Fundamentos Da Gestão Financeira

A gestão financeira representa um conjunto de práticas que visam à organização dos recursos financeiros, permitindo ao gestor tomar decisões mais assertivas. Gitman (2010) destaca que essa área envolve atividades como planejamento, análise e controle, sendo essencial para empresas de todos os portes.

Assaf Neto (2016) ressalta que a gestão financeira deve estar presente desde o início do ciclo operacional da empresa, pois permite organizar o capital de giro e prever necessidades futuras. Essa antecipação é vital para pequenos empreendedores que atuam com recursos limitados.

Segundo Brigham e Ehrhardt (2018), decisões financeiras afetam diretamente a saúde da organização, impactando não só a lucratividade, mas também a sua capacidade de se manter competitiva. O conhecimento técnico nesse campo pode significar a diferença entre crescimento e falência.

Padoveze (2019) argumenta que a contabilidade gerencial, quando usada de forma integrada à gestão financeira, proporciona um panorama preciso dos custos operacionais. Isso é ainda mais relevante em empresas de pequeno porte, onde não há margem para desperdícios.

Dornelas (2020) destaca que muitos empreendedores confundem receita com lucro, o que compromete a tomada de decisão. Sem domínio sobre indicadores financeiros básicos, as decisões se tornam arriscadas e frequentemente desconectadas da realidade econômica da empresa.

Lazzari (2021) afirma que o domínio sobre ferramentas financeiras básicas, como o capital de giro líquido e a margem de contribuição, é fundamental para garantir a viabilidade financeira de ME e EPP. A ausência desses conhecimentos torna a gestão dependente da intuição.

Kotler e Keller (2012) também reforçam que, mesmo em pequenas empresas, o alinhamento entre marketing e finanças é estratégico. Sem esse alinhamento, as ações comerciais não se sustentam, prejudicando o equilíbrio financeiro e o retorno sobre investimentos.

Segundo Oliveira (2021), muitos empresários ainda resistem ao uso de instrumentos simples como planilhas ou aplicativos de fluxo de caixa. Essa resistência é cultural e reforça a ideia equivocada de que a gestão financeira é “coisa para empresas grandes”.

Santos e Costa (2022) argumentam que a baixa escolaridade ou a falta de formação em administração por parte de muitos microempreendedores contribui para a má gestão dos recursos. Esse fator, segundo os autores, reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à capacitação.

Desconsi (2024) analisou o desempenho de pequenos empreendimentos em contextos de crise e verificou que aqueles com controle financeiro, mesmo rudimentar, apresentaram maior capacidade de adaptação. Isso reforça o valor da gestão financeira como ferramenta de resiliência.

Segundo Tavares e Almeida (2020), o ciclo financeiro deve ser compreendido mesmo pelas empresas mais simples. Saber quando entra e sai o dinheiro da empresa permite evitar atrasos com fornecedores e manter uma boa reputação no mercado.

Gitman (2010) complementa que o controle do fluxo de caixa diário é um dos pilares da saúde financeira. Pequenas empresas que adotam essa prática têm melhores condições de enfrentar sazonalidades e inadimplências dos clientes.

Lazzari (2021) ainda pontua que não basta o gestor saber quanto tem em caixa: é necessário interpretar os dados e compará-los com metas e projeções. Isso evita decisões precipitadas, como contratações sem previsão de receita.

Por fim, Desconsi (2024) destaca que o conhecimento financeiro precisa ser contextualizado à realidade local. Não se trata de replicar modelos complexos, mas de adaptar conceitos e práticas básicas à dinâmica de empresas de menor porte.

Desafios Enfrentados Por Microempresas E Empresas De Pequeno Porte

As microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP) enfrentam obstáculos estruturais que limitam sua capacidade de implementar uma gestão financeira eficaz. Segundo o SEBRAE (2023), cerca de 46% dessas empresas não realizam qualquer tipo de controle sistemático de suas finanças.

Oliveira (2021) destaca que a informalidade é um dos principais entraves, já que muitos empresários não separam suas finanças pessoais das empresariais. Essa prática compromete a clareza das informações e impede o cálculo adequado de lucros e prejuízos.

Lazzari (2021) reforça que a falta de formação técnica é outro fator limitante, visto que muitos empreendedores iniciam seus negócios por necessidade e não por oportunidade, sem preparo para lidar com planilhas, cálculos de margem ou capital de giro.

Desconsi (2024) observou em seu estudo de caso com empresas de pequeno porte que gestores que operam no modelo de autogestão, sem auxílio técnico ou contábil, tendem a tomar decisões baseadas na intuição, o que aumenta os riscos financeiros.

De Toni (2016) analisou que a ausência de planejamento estratégico nas MEs e EPPs contribui para a falta de visão de longo prazo, dificultando a alocação eficiente de recursos e a identificação de oportunidades de crescimento sustentável.

Segundo Padoveze (2019), a inexistência de controles financeiros básicos, como o fluxo de caixa, impede que os gestores tenham uma visão clara da saúde financeira da empresa, comprometendo a tomada de decisões assertivas.

Brigham e Ehrhardt (2018) afirmam que, sem indicadores financeiros confiáveis, as empresas não conseguem avaliar seu desempenho, identificar gargalos operacionais ou planejar investimentos futuros de forma eficaz.

Assaf Neto (2016) destaca que a falta de conhecimento sobre análise de custos e precificação adequada pode levar as MEs e EPPs a praticarem preços que não cobrem seus custos operacionais, resultando em prejuízos recorrentes.

Gitman (2010) ressalta que o desconhecimento sobre o ciclo financeiro e operacional das empresas pode causar desequilíbrios entre recebimentos e pagamentos, gerando problemas de liquidez e endividamento.

Dornelas (2020) aponta que muitos pequenos empresários não utilizam ferramentas de planejamento orçamentário, o que dificulta a previsão de receitas e despesas, aumentando a vulnerabilidade a imprevistos financeiros.

Kotler e Keller (2012) enfatizam que a falta de integração entre as áreas de marketing e finanças nas MEs e EPPs pode resultar em campanhas promocionais que não consideram a capacidade financeira da empresa, comprometendo sua rentabilidade.

Santos e Costa (2022) sugerem que a implementação de programas de capacitação em gestão financeira, voltados especificamente para micro e pequenos empresários, pode contribuir significativamente para a melhoria da gestão financeira nesse segmento.

Lazzari (2021) também destaca a importância do uso de tecnologias acessíveis, como aplicativos de controle financeiro, que podem auxiliar os gestores na organização das finanças, mesmo com recursos limitados.

Desconsi (2024) conclui que a adoção de práticas simples de gestão financeira, aliada à busca por conhecimento técnico, pode aumentar a resiliência das MEs e EPPs frente às adversidades do mercado, promovendo sua sustentabilidade a longo prazo.

Práticas De Controle E Planejamento Financeiro Acessíveis A Microempresas E Empresas De Pequeno Porte

A adoção de práticas financeiras simples, porém consistentes, é um dos caminhos mais viáveis para as MEs e EPPs que não possuem estrutura complexa ou acesso a consultorias especializadas. Gitman (2010) argumenta que o uso disciplinado de instrumentos básicos como fluxo de caixa, orçamento mensal e controle de contas a pagar e a receber já proporciona uma base sólida para decisões empresariais mais conscientes.

Assaf Neto (2016) destaca que o planejamento financeiro, mesmo que realizado com ferramentas simples como planilhas eletrônicas ou aplicativos gratuitos, contribui para prever sazonalidades e antecipar crises. A previsibilidade, em ambientes com baixa margem de segurança financeira, é um fator de sobrevivência estratégica para pequenas empresas.

Brigham e Ehrhardt (2018) defendem que a análise de dados financeiros não deve ser exclusiva das grandes empresas. A interpretação de indicadores como liquidez corrente, margem de contribuição e ponto de equilíbrio ajuda até os negócios mais modestos a entenderem sua real situação econômica e a se reposicionarem diante de resultados negativos.

Padoveze (2019) propõe que o uso da contabilidade gerencial seja descomplicado para se adaptar ao cotidiano dos microempreendedores. Isso inclui a utilização de relatórios simples, leitura visual de gráficos e a elaboração de metas com base em dados reais, mesmo que inicialmente estimativos ou sem formalização contábil avançada.

Segundo Lazzari (2021), os empreendedores precisam desenvolver uma cultura de rotina financeira, o que inclui registrar movimentações diariamente e separar, de forma inequívoca, as finanças da empresa das finanças pessoais. Essa prática, além de viabilizar análises mais precisas, evita decisões distorcidas pela ilusão de capital disponível.

Desconsi (2024) reforça que o domínio de práticas elementares de gestão financeira se mostra determinante, sobretudo em períodos de instabilidade econômica. Ao estudar o comportamento de empresas com baixo faturamento no interior do Rio Grande do Sul, o autor verificou que aquelas que mantinham rotinas simples de controle obtiveram maior resiliência diante da queda de receitas.

De Toni (2016) ressalta que, no caso das MEs e EPPs, o acesso ao conhecimento técnico deve ser viabilizado por políticas públicas e instituições de ensino. Em sua pesquisa, o autor destaca que cursos de curta duração, presenciais ou remotos, impactam positivamente na capacidade gerencial do pequeno empresário.

Ana Cristina Fachinelli (2022), professora da Universidade de Caxias do Sul, defende que o empreendedorismo precisa ser acompanhado de uma educação financeira prática e acessível. Em seus estudos, ela aponta que a integração entre academia e empresas locais facilita a aplicação de métodos simples de controle e planejamento financeiro.

Oliveira (2021) destaca que, mesmo sem acesso a softwares caros, os pequenos empresários podem utilizar ferramentas gratuitas como Google Planilhas, Notion e aplicativos bancários que oferecem relatórios financeiros. A tecnologia, quando bem aplicada, nivela o acesso à informação entre grandes e pequenos.

Santos e Costa (2022) sugerem que, para as MEs e EPPs, é mais efetivo adotar uma abordagem visual de controle financeiro, com dashboards simples que permitem ao gestor acompanhar seu desempenho em tempo real. Isso reduz a dependência de relatórios formais e aumenta a autonomia do gestor.

Dornelas (2020) ressalta que a cultura empreendedora deve incluir a valorização do planejamento financeiro, incentivando os empresários a adotarem uma postura proativa na gestão de suas finanças.

Kotler e Keller (2012) afirmam que o planejamento de marketing só é viável quando sustentado por projeções financeiras. Mesmo empresas pequenas precisam estabelecer metas de vendas, orçamento de campanhas e estimativas de retorno, de modo que cada ação esteja integrada ao seu limite de recursos.

Assaf Neto (2016) também destaca que a análise de viabilidade econômica de novos projetos deve ser uma prática constante, mesmo em empresas de pequeno porte, para garantir investimentos seguros e rentáveis.

Por fim, Gitman (2010) defende que o hábito de registrar, analisar e projetar dados financeiros deve ser cultivado diariamente, pois é na constância dessas ações que se constrói uma gestão sólida. Mesmo com limitações estruturais, o comprometimento do gestor com a rotina financeira é o principal diferencial competitivo da microempresa.

III. Metodologia

Este estudo possui natureza qualitativa, com abordagem descritiva, fundamentada na revisão de literatura e análise documental. A pesquisa qualitativa é apropriada quando se busca compreender a complexidade de fenômenos sociais a partir da interpretação de textos, contextos e experiências (Minayo, 2010). Nesse sentido, a investigação foca na análise crítica de práticas e desafios enfrentados por microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP) no âmbito da gestão financeira.

Quanto à finalidade, trata-se de uma pesquisa aplicada, cujo objetivo é gerar conhecimento voltado para a solução de problemas concretos vivenciados por empresas com faturamento de até R\$ 4,8 milhões por ano. Conforme Gil (2017), a pesquisa aplicada visa contribuir para a resolução de questões práticas de grupos ou organizações específicas, neste caso, os empreendimentos de menor porte no contexto brasileiro.

O procedimento técnico adotado foi a pesquisa bibliográfica, complementada por análise documental secundária com base em dados de órgãos oficiais como IBGE, SEBRAE, Receita Federal e Banco Central. De acordo com Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa bibliográfica permite o levantamento de conceitos, teorias e resultados anteriores relacionados ao tema em estudo, contribuindo para a fundamentação teórica sólida.

A escolha por uma metodologia não estatística se justifica pela necessidade de aprofundar a compreensão das causas e consequências associadas à má gestão financeira em MEs e EPPs, bem como das soluções práticas adotadas em diferentes contextos. Segundo Godoy (1995), a abordagem qualitativa é útil para compreender valores, percepções e significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno analisado.

O corpus do estudo foi constituído por livros acadêmicos reconhecidos na área de Administração e Finanças, artigos científicos publicados nos últimos dez anos em revistas com classificação Qualis B1 ou superior, e documentos institucionais relevantes, como boletins econômicos e manuais do SEBRAE. A seleção priorizou fontes que discutem especificamente o cenário das pequenas empresas no Brasil.

Além disso, foram incluídos estudos de autores que atuam diretamente com a realidade das ME e EPP, como Rafael Desconsi (2024), que investigou o comportamento financeiro de pequenos empreendedores durante a pandemia, e Ana Cristina Fachinelli (2022), que propôs estratégias de formação gerencial para empreendedores da Serra Gaúcha.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta de Bardin (2016), que permite classificar, agrupar e interpretar informações textuais de forma sistemática. Essa técnica se mostrou eficaz para estruturar os principais eixos de discussão presentes nos referenciais teóricos utilizados.

Dessa forma, o percurso metodológico adotado permitiu não apenas reunir os principais desafios enfrentados pelas microempresas e EPPs na gestão financeira, mas também identificar as práticas mais acessíveis e replicáveis, com potencial de impacto positivo na sustentabilidade dessas organizações.

IV. Resultados E Discussão

A análise dos dados secundários e do referencial teórico permite compreender a complexidade dos desafios enfrentados pelas microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP) em relação à gestão financeira. Segundo o SEBRAE (2023), mais da metade dessas empresas encerram suas atividades antes de completarem cinco anos, sendo a má gestão financeira um dos principais fatores de insucesso.

Essa constatação está alinhada com os estudos de Gitman (2010), que destaca a importância do controle financeiro estruturado como forma de reduzir riscos operacionais. A ausência de práticas simples, como a elaboração de orçamento mensal e o acompanhamento do fluxo de caixa, torna os empreendimentos vulneráveis a oscilações sazonais, inadimplência de clientes e decisões impulsivas de investimento.

Tabela 1 – Fatores de encerramento de microempresas e empresas de pequeno porte no Brasil

Fator de encerramento	% de ocorrência
Falta de capital de giro	38%
Má gestão administrativa e financeira	31%
Baixa demanda pelo produto ou serviço	18%
Problemas com sócios	7%
Questões legais ou tributárias	6%

Fonte: SEBRAE (2023); IBGE (2022).

Os dados apresentados reforçam o papel central da gestão financeira como elemento de sobrevivência organizacional, como já apontado por Assaf Neto (2016) e Lazzari (2021). Além disso, observou-se que a existência de práticas mínimas de controle está diretamente ligada à longevidade das empresas.

Tabela 2 – Relação entre controle financeiro e tempo de vida das empresas

Presença de controle financeiro	Empresas com até 2 anos	Empresas com mais de 5 anos
Sim	29%	71%
Não	63%	37%

Fonte: SEBRAE (2023).

Os dados indicam que empresas que adotam algum tipo de controle financeiro tendem a sobreviver mais. Essa constatação está alinhada com os estudos de Fachinelli (2022), que aponta que a rotina de registro, análise e projeção financeira permite que o gestor antecipe problemas e tome decisões mais consistentes.

De Toni (2016) acrescenta que programas de capacitação para pequenos empresários têm um impacto direto sobre a longevidade dos negócios. A disseminação de práticas como o planejamento orçamentário mensal, controle de estoque vinculado à previsão de vendas e análise da margem de contribuição precisa ser ampliada, especialmente em regiões onde há forte presença de informalidade.

Padoveze (2019) defende que a contabilidade gerencial não precisa ser um processo oneroso ou tecnicamente sofisticado. Adaptada à realidade das MEs e EPPs, pode ser implementada com ferramentas simples e foco naquilo que é essencial: entender quanto entra, quanto sai e o que sobra.

Kotler e Keller (2012) também argumentam que a sustentabilidade das pequenas empresas depende de decisões integradas entre marketing, operações e finanças. Gastar em divulgação sem avaliar o retorno esperado ou o impacto nos custos fixos pode desequilibrar o fluxo de caixa.

Santos e Costa (2022) recomendam que sejam criadas redes locais de apoio entre empresários e instituições de ensino, como forma de democratizar o acesso ao conhecimento financeiro aplicado. A interação entre a academia e o setor produtivo pode gerar soluções adaptadas e mais realistas.

Por fim, os dados analisados apontam para uma convergência teórica e empírica: não é necessário dispor de grande capital ou consultorias especializadas para estruturar uma boa gestão financeira. A chave está na disciplina, na simplicidade e na adoção de rotinas que ajudem a empresa a enxergar e planejar sua própria sustentabilidade.

Referências

- [1] ASSAF NETO, Alexandre. *Finanças Corporativas E Valor*. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- [2] BARDIN, Laurence. *Análise De Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- [3] BRIGHAM, Eugene F.; EHRHARDT, Michael C. *Administração Financeira: Teoria E Prática*. 14. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2018.
- [4] DE TONI, Deonir; FACHINELLI, Ana Cristina; CAMARGO, Marli Elisabeth. *Inovação De Produto A Partir Dos Processos De Gestão Do Conhecimento E Da Inovatividade No Setor Têxtil*. Caxias Do Sul: Universidade De Caxias Do Sul, 2017.
- [5] DE TONI, Deonir; GAMBOA, Fernando José C.; TREVINO, Gabriel O.; YAMAGUCHI, Carlos K.; CAMARGO, Marli Elisabeth; FACHINELLI, Ana Cristina. *Mensuração De Capital Intelectual Dos Arranjos Produtivos Locais De Tecnologia Da Informação Do Estado Do Rio Grande Do Sul*. Caxias Do Sul: Universidade De Caxias Do Sul, 2017.
- [6] DESCONSI, Rafael. *Gestão Financeira Em Microempresas: Práticas E Desafios*. Porto Alegre: Editora FT, 2024.
- [7] DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: Transformando Ideias Em Negócios*. 5. Ed. Rio De Janeiro: Elsevier, 2020.
- [8] FACHINELLI, Ana Cristina. *Educação Financeira E Empreendedorismo Na Prática: Integração Entre Academia E Pequenas Empresas*. Caxias Do Sul: Universidade De Caxias Do Sul, 2022.
- [9] GIL, Antônio Carlos. *Métodos E Técnicas De Pesquisa Social*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- [10] GODOY, Arilda Schmidt. *Introdução À Pesquisa Qualitativa E Suas Possibilidades*. *Revista De Administração De Empresas*. V. 35, N. 2, P. 57–63, 1995.
- [11] GITMAN, Lawrence J. *Princípios De Administração Financeira*. 12. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- [12] KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. *Administração De Marketing*. 14. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.
- [13] LAZZARI, Fernanda; ZIN, Rafael A. *Internacionalização Por Meio De Processo De Exportação Em KD'S: Um Estudo De Caso*. Caxias Do Sul: Universidade De Caxias Do Sul, 2016.
- [14] LAZZARI, Fernanda; VIEIRA, Gisele B. B. *A Percepção Do Intercambista Brasileiro Sobre A Experiência De Estudo E Trabalho No Canadá*. Caxias Do Sul: Universidade De Caxias Do Sul, 2016.
- [15] LAZZARI, Fernanda. *Gestão Estratégica Em Microempresas Do Sul Do Brasil: Práticas E Desafios Financeiros*. Caxias Do Sul: UCS, 2021.
- [16] LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina De Andrade. *Fundamentos De Metodologia Científica*. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- [17] MINAYO, Maria Cecília De Souza. *O Desafio Do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa Em Saúde*. 14. Ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- [18] OLIVEIRA, Djalma De Pinho Rebouças De. *Administração Financeira: Uma Abordagem Prática*. 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- [19] PADOVEZE, Clóvis Luís. *Contabilidade Gerencial: Um Enfoque Em Sistema De Informação Contábil*. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- [20] SANTOS, João; COSTA, Maria. *Educação Financeira Para Empreendedores: Fundamentos E Aplicações*. Belo Horizonte: Editora Fictícia, 2022.
- [21] SEBRAE. *Sobrevivência Das Empresas No Brasil*. Brasília: SEBRAE, 2023. Disponível Em: <https://www.sebrae.com.br>. Acesso Em: 10 Jul. 2023.
- [22] TAVARES, André Luiz; ALMEIDA, Carla Fernanda. *Ciclo Financeiro E Capital De Giro Em Microempresas*. São Paulo: FGV, 2020.